

Perspectivas inventadas e diferenças infinitesimais: tartarugas marinhas e Projetos Tamar

Ana Cecilia Oliveira Campos (Graduanda em Ciências Sociais – UFES)

Introdução à invenção

Esse artigo tem por objetivo apresentar as observações de uma pesquisa em andamento, um sub-projeto de pesquisa aprovado pelo PIBIC da UFES, corroborando com as perspectivas e objetivos do projeto “Pontes no Atlântico: subsídios para uma comparação entre conflitos socioambientais sobre espécies da fauna no Brasil e no sudeste da África – módulo Espírito Santo, Brasil” sob orientação de Eliana Junqueira Creado.

O estudo em questão aborda o Projeto Tamar- ICMBio como porta voz das tartarugas marinhas, e busca observar as influências do Tamar na invenção que os visitantes fazem das tartarugas marinhas, especificamente na Base do Tamar no Rebio Comboios – Regência/Linhares-ES. Como atividade complementar ao projeto foram também acompanhadas as atividades no Centro de Visitantes da Ilha do Papagaios. Ao longo do contato com o campo foram sendo observadas outras perspectivas e agentes do Tamar que o Projeto não abordava.

Das múltiplas perspectivas possíveis serão aqui ressaltadas duas: a de um “centro de visitantes” e de uma “base”, destacando como agentes “monitores de visita” e “estagiários”. Bem como os ciclos nas atividades nos espaços referidos, e a influência deles na perspectiva que esses agentes constroem das tartarugas marinhas, que são foco das atividades de trabalho: as tartarugas fêmeas em reprodução, e as tartarugas em tanques.

Entretanto não se tem a intenção de inferir que a mesma perspectiva poderia ser observada em outros Centros de Visitantes e em outras bases de pesquisa, ou que outros agentes nesses campos de pesquisa não construam outras formas de ser o, e fazer no Projeto Tamar.

A minha invenção do Tamar no sub-projeto de pesquisa

No subprojeto em questão a proposta é estudar a influência de um porta voz “institucional humano” de “entidades da natureza” (Latour; Schwartz; Charvolin, 1998), o Projeto Tamar, na construção de significado, ou invenção (em uma referência a Roy Wagner, em “A Invenção da Cultura”), dessa “entidade da natureza” emblemática para o ambientalismo, as tartarugas marinhas. Em especial, o projeto objetiva ver a mediação realizada junto aos “humanos” visitantes que entram em contato com o discurso do Tamar e com as tartarugas da Reserva Biológica (REBIO) Comboios, em Regência (Linhares, ES).

Este recorte constitui uma tentativa de perceber, nesse objeto híbrido de natureza e cultura, o envolvimento dessa natureza com os coletivos e com os sujeitos humanos (Latour, 1995) que se encontram no espaço do projeto Tamar. A intenção é procurar afastar-se do caráter antropocêntrico desses termos, que marcam a divisão entre natureza e cultura, sem desconsiderar, portanto, a animalidade na humanidade e a humanidade na animalidade (Ingold, 1999).

Considerando o âmbito e a abrangência do tema, dos híbridos de natureza e cultura, é importante sublinhar que o Projeto Tamar atua em meio a uma rede de conhecimentos científicos que permeiam que a ideia de “meio ambiente” na sociedade ocidental contemporânea é um importante aspecto da cultura desse grupo.

Esse fator está diretamente ligado ao fato das tartarugas marinhas, no Projeto Tamar, se encaixarem no conceito de “animal bandeira”. São assim denominadas espécies consideradas carismáticas ao grande público que tem sua imagem apropriada por projetos de conservação ambiental no intuito de garantir a proteção da espécie, e de espécies menos carismáticas ao público (Rodriguez, 2004). Nesse sentido o Tamar luta pela conservação de espécies marinhas, desde sua criação em 1980.

Considerando esses aspectos, cabe perguntar como essas experiências têm sido percebidas pelos visitantes, como esses indivíduos tem construído significado dessas experiências. Ou ainda parafraseando a invenção da cultura, proposta por Roy Wagner (Wagner, 2010) como interpretação do trabalho antropológico: como os visitantes têm inventado a tartaruga marinha.

É sob um olhar muito específico que se pretende fazer tais observações, a saber, o da cultura. Seu estudo compara os fenômenos do homem com outros tantos fenômenos do universo, e é

nesse sentido amplo e básico, em sua busca de compreender singularidade e diversidade que estes termos cultura e ambiente devem ser pensados (WAGNER, 2010).

É ainda nesse sentido, que essa ideia de cultura coloca em pé de igualdade pesquisador e objeto de pesquisa (WAGNER, 2010), uma vez que ele também pertence a uma cultura, e se utiliza dessa para explicar outras. Assim esse projeto considera em sua metodologia que a atividade de pesquisa acadêmica é cultura e as ideias de meio ambiente na sociedade civil contemporânea também são.

Cabe ainda destacar, como perspectiva metodológica que é fruto de uma tendência de construção do conhecimento, no pensamento ocidental, a criação de dicotomias paralelas (INGOLD, 1999). Desse prisma, as noções de humanidade e de ser humano determinam e são terminadas pela noção de animalidade. Assim, animalidade e humanidade são opostas, bem como o são, nessa cultura, as ideias de natureza e cultura (INGOLD, 1999). O autor destaca que a pergunta sobre a condição do ser humano é comumente respondida pela singularidade humana, o que impossibilita considerar a condição humana (ou melhor a condição de pessoa) em relação a existências não humanas.

Nesse sentido, é possível que aspectos que marcam a personalidade humana estejam também presentes, em algum grau, em algumas existências não humanas. Em outras palavras, a personalidade presente no *homo sapiens* não se limita a essa espécie. Para o autor, é importante, ainda, rejeitar o aspecto etnocêntrico dessa afirmação, que considera o padrão cultural do ser humano ocidental contemporâneo como ápice em uma escala de progresso (INGOLD, 1999).

Entretanto, nessa pesquisa o que importa saber não diz “respeito à natureza ou ao conhecimento, às coisas em si, mas antes a seu envolvimento com os nossos coletivos e com os sujeitos” (LATOURE, 1995, p.9), de forma a estabelecer conexão tanto com a natureza das coisas quanto com seu contexto social, sem reduzir-se a nenhuma das duas. As redes, descritas Bruno Latour como híbridos de natureza e cultura, são ao mesmo tempo reais como a natureza, híbridas como o discurso e coletivas como a sociedade; e está nelas a possibilidade de compreender a conexão entre duas zonas, criadas pela “Crítica” e vistas como ontológicas e inteiramente distintas: a dos humanos e a dos não-humanos.

Perspectivas e agentes diferenciadores no Tamar: limites da invenção do projeto

Seria pouco original, mas extremamente adequado se começasse esse artigo, com a citação “Hypothesesfingo: existir é diferir”. Talvez ela resuma a ideia de diferença infinitesimal em Gabriel Tarde em sua obra “Monadologia e sociologia” (2007). Na introdução à essa obra, o organizador, Eduardo Viana Vargas explica “para Tarde, o que conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, ou melhor, em um plano que não faz sentido distinguir o social e o individual” (In: (org.)VARGAS, TARDE, 2007, p.10).

Em minha tentativa de delimitar a metodologia de forma a não tornar o tema da pesquisa objetificado ou apresentar suas conclusões como fruto de uma rigidez do método científico, antes uma invenção objetiva, criativa, e fruto da cultura na qual me insiro- como propõe Roy Wagner em “A invenção da cultura”-foram obscurecidos pontos de vista, perspectivas de existências que se diferenciam relacionalmente.

Assim, no processo de construção do subprojeto de pesquisa defini a abordagem que vai de acordo com alguma perspectiva que o Tamar tem de si, mas não contempla todas. Se por um lado o Tamar é porta voz das tartarugas marinhas, por outro, diferentes agentes ocupam o espaço de porta voz dentro do Projeto Tamar, o implica em múltiplas perspectivas à respeito do tema.

O aspecto das diferentes perspectivas sobre o Projeto Tamar apareceu desde a primeira viagem de campo a Regência ainda antes de haverem planos de desenvolver o projeto de pesquisa. Inicialmente a observação se deu pelo fato de que em conversas e entrevistas com regencianosque não tinham vínculos empregatícios com o Projeto Tamaralgumas versões destacavam o caráter positivo da presença do Tamar em Regencia, em especial com relação aos empregos; enquanto outras destacavam as ações que eram referenciadas como relacionadas ao Tamar, mas que geralmente vinculavam-se às atividades do IBAMA-ICMBio, como regulação dos defesos, e a apreensão de redes.

Apesar disso, apenas no período reprodutivo seguinte notei que outras perspectivas emergiam internamente no Tamar, de forma que mesmo entre os regencianoscom vínculos empregatícios com o Tamar,ações do Ibama eram remetidas aoTamar, e não havia uma divisão marcada, nem espacialmente nem em termos de atividades de manutenção do espaço da Base da Rebio que indicasse essa separação.

Para além de perspectivas que divergiam dentro do próprio Tamar com relação entre essas instituições, no aspecto do atendimento de visitantes outras também apresentavam aspectos de maior ou menor convergência. No que diz respeito a agentes não humanos no atendimento aos visitantes, dos quais destaco vídeos e banner, estes possuíam linguagem e abordagem bastante similares, tanto na base da Rebio quanto na do Centro de Visitantes em Vitória, que priorizavam abordar as atividades do Tamar, as espécies de tartaruga marinha que ocorrem no Brasil, e seus ciclos de vida. Enquanto havia maior variabilidades de abordagens nos atendimentos dos agentes humanos tanto no que se refere ao privilégio de algumas informações em detrimento de outras, quanto no que se refere às condutas. Essas diferentes abordagens iam desde variabilidade de informações como o tempo que as tartarugas são capazes de se manterem sem ir à superfície para respirar, até permissão de tocar as tartarugas, ou afirmação de que toca-las tenderia a gerar nelas patologias por causa das “bactérias” na pele humana.

A pesquisa que, inicialmente, não contemplaria atividades na Base da Praça do Papa, teve na possibilidade de acompanhar as atividades nesse espaço mesmo que em período reduzido- e isso trouxe muitos ganhos no sentido de observar diferenças emperspectivas e agentes do Tamar; o que será detalhado à seguir.

Dois diferenças infinitesimais: o Tamar de uma base de pesquisa o Tamar de um Centro de Visitantes

Das diversas perspectivas que poderia delimitar como recorte para uma abordagem mais específica duas serão aqui destacadas, a do Tamar em uma base, e em um centro de visitantes. Essa escolha justifica-se no fato de que essa é uma abordagem de pessoas do Tamar (como as referência Rodrigues, 2004) que foi observada no treinamento realizado no início da temporada reprodutiva de 2013. Desse treinamento, participaram estagiários, funcionários e pesquisadores direta ou indiretamente relacionados ao Tamar no Espírito Santo.

Na versão do projeto submetida à autorização do Tamar me refiro aos espaços do trabalho de campo como “Bases do Tamar na Rebio Comboios”, e “Base do Tamar na Ilha dos Papagaios”. Não demorou para observar a distinção que pessoas do Tamar, quer em Regência, quer em Vitória, fazem desses espaços. A termo “base” é usado para referenciar os espaços em que a atuação do Tamar se volta ao monitoramento de praia ou à pesquisa, enquanto o

“centro de visitantes (CV)” tem como foco a recepção de pessoas. A referência de identificação dos locais são Regência e Vitória, e não Rebio Comboios e Ilha dos Papagaios.

O site do Tamar afirma que:

“Pesquisa, conservação e manejo das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, todas ameaçadas de extinção, é a principal missão do Tamar, que protege cerca de 1.100km de praias, através de 23 bases mantidas em áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso desses animais, no litoral e ilhas oceânicas, em nove estados brasileiros”

Também, segundo informações do site, são 19 bases de pesquisa, e 11 Centros de Visitantes, dos quais 8 estão em áreas com Base Tamar.

A identificação tanto das Bases quanto dos CVs é feita com a referenciando-se o local onde estão, normalmente, o nome do município ou a ilha, mas designam áreas físicas bastante distintas. As bases de pesquisa se referem ao monitoramento do Tamar em uma área litorânea, que pode ser de descanso, alimentação ou reprodução de tartarugas marinhas; enquanto o CV se refere à uma área física destinada ao atendimento dos visitantes.

Uma das três primeiras bases criadas, em 1982, foi a Base de Regência. Os trabalhos na região se efetuam em uma área geográfica que engloba 37km de praias, onde predomina a tartaruga-cabeçuda (*Carettacaretta*), mais conhecida na região como careba amarela ou careba dura. Também ocorre a tartaruga-de-couro (*Dermochelyscoriacea*), também conhecida como gigante e careba mole, sendo esse o principal ponto de desova da espécie do Atlântico Sul.

Nessa região há dois focos de visitação com atuação direta do Tamar, um na vila, o Centro Ecologico, e o outro localizado dentro da Reserva Biologica de Comboios, há 7km de Regência. Mesmo assim, o termo “centro de visitantes” não é usado para referência de nenhum dos dois espaços- diferentemente do CV de Vitória. Assim o espaço da Base em Regência concentra tanto atividades de uma base de pesquisa, quanto de um CV. Nesse artigo, o que será abordado será o foco na base de pesquisa.

O Centro de Visitantes, localizado em um Parque Municipal, foi aberto em 2011 e ocupa um privilegiado espaço na capital do Espírito Santo, local de fácil acesso. O espaço foi cedido pela prefeitura e atualmente o Tamar ocupa apenas parte da área cedida. Segundo relatos, a

região era frequentada como um “ponto de drogas” e a presença gradual do Tamar foi transformando a utilização do espaço.

A possibilidade dessas abordagens não se restringirem apenas a uma forma de se referir linguisticamente aos espaços, levanta também a hipótese de que os termos possam remeter a formas distintas do Tamar de inventar sua agência, seus conhecimentos e as próprias tartarugas marinhas.

Na Base em Regência existem outras atividades que não a pesquisa, como a recepção de visitantes; e no CV em Vitória também são realizados apoios a projetos sociais, e atividades administrativas. Cabe identificar os agentes envolvidos nessas atividades para abordar suas perspectivas. Em meio a uma pulverização de agentes do Tamar, o foco se voltará para os estagiários e monitores de visita. A escolha justifica-se na importância dada pelo Tamar às atividades por eles realizadas. Essa importância é aparente nas rotinas de atividades, voltadas a tempos cíclicos da Base e no CV, aspecto também observado do treinamento.

O tempo cíclico na Base Regência está relacionado ao ciclo reprodutivo das tartarugas marinhas; são portanto, ciclos anuais. Como aponta Rodrigues, 2014, o período de reprodução das tartarugas é também o período de reprodução do Tamar. Há uma intensificação significativa das atividades na Base Regência no período reprodutivo das tartarugas marinhas, que no Brasil vai de setembro a março. Considerando o caráter híbrido da atuação em Regência em ser Base de pesquisa e CV, a atuação como centro de visitantes parece ser menos relevante para o próprio Tamar, no período reprodutivo. Enquanto que, para os visitantes, o período reprodutivo é quando o CV pode oferecer a atividade de soltura de filhotes que tende a atrair e provocar afeto dos visitantes.

No período reprodutivo, o Tamar volta seu olhar ao monitoramento de praia, atividade que envolve percorrer a praia; identificar ocorrência de tartarugas na areia; marcar e telar ninhos; transferir ninhos; identificar ninhos e fêmeas, observar ninhos, e posteriormente retirar as telas. Em Regência, essa atividade é chamada de carebada, e é realizada em especial por estagiários. O termo carebada passou por ressignificações diretamente ligadas à presença do Tamar. Anteriormente à ação do Projeto o termo fazia referência ao conhecimento do “carebeiro”, aquele tinha a técnica e habilidade de localizar ninhos, e matar tartarugas. Essa atividade era em Regência ligada à diversas práticas e hábitos alimentares.

É do executor da base do Tamar em Regência a responsabilidade de treinar e coordenar as atividades da base, bem como preparar rotinas e escalas de trabalho. Entre as atividades dos estagiários figuram: carebada, atividades no Centro Ecológico (CE), atividades da Reserva de Comboios; e missões, atividades direcionadas pelo executor, de aspecto mais prático e “preparatórias” para as demais. Normalmente, as pessoas responsáveis pela carebada da noite, sempre duas, estão liberadas para descansar na manhã do dia seguinte.

O horário de sair para a carebada noturna tende a seguir o horário de maior ocorrência na noite anterior. Assim, a rotina dos agentes do Tamar na principal atividade durante o ciclo reprodutivo em Regência é regulada segundo as atividades das tartarugas marinhas.

Por outro lado, no Centro de Visitantes em Vitória o caráter cíclico está voltado à presença de visitantes, sendo ciclos notados no fato de que há uma intensificação das atividades de trabalho em determinados períodos. O CV em Vitória se mantém aberto à visitação entre terças e domingos, entre terças e sextas-feiras nesse período número de visitas mais expressivo refere-se a visitas de excursões escolares, enquanto nos finais de semana o número de visitas não marcadas previamente aumenta.

Nessas atividades, os horários de começar e encerrar as atividades no centro, os horários de alimentação dos animais de tanques e cercados, e a própria rotina é alterada de forma a melhor se adequar à presença de visitantes do espaço. Um exemplo disso é o fato de que nos finais de semana há horários específicos para visitas guiadas, e existe uma atividade incentivada aos domingos a de alimentar as tartarugas, ou observar a alimentação. A atividade dos monitores com os visitantes abrange receber visitantes, colocar vídeos, apresentar o espaço físico e seus pontos de explicação, bem como apresentar regras e condutas.

No que se refere a esses agentes como porta-vozes de um conhecimento acerca de tartarugas marinhas, as abordagens divergem. Enquanto entre os estagiários o que é ressaltado são os aspectos desconhecidos das tartarugas marinhas, em especial da gigante- que não sobrevive em cativeiro- entre os monitores de visita a perspectiva mais abordada é a do conhecimento sobre as tartarugas e seus ciclos de vida, os ninhos, e os locais de ocorrência das espécies, sendo obscurecidos aspectos não conhecidos, como os chamados “anos perdidos”.

Por fim, base e CV possuem diferentes perspectivas das próprias tartarugas marinhas. Na base em Regência as tartarugas com que os estagiários entram em contato, são principalmente

fêmeas e filhotes. As experiências de contato com os remetem de forma ambivalente a processos de individualização e homogeneidade. O processo de individualização se refere à atividade de marcar as tartarugas com uma identificação única. Essa identificação é feita através de uma anilha de metal colocada nas nadadeiras frontais, que a identifica com um número, endereço da Base do Tamar na Praia do Forte, e a inscrição “TAMAR”.

Esse número, bem como informações de biometria, são passados para uma planilha no momento da carebada, e posteriormente esses dados são transferidos para um sistema digitalizado de informações do Tamar. O aspecto da precisão dos dados, de observá-los atentamente, e não tentar deduzi-los- apesar de normalmente os números nas anilhas possuírem uma sequência- foi muito frisado tanto no treinamento, quanto nas carebadas, em que os procedimentos ainda estavam sendo passados aos estagiários pelo executor. De forma que a tartaruga só se torna “existente” para o Tamar caso passe por esse registro.

Se por um lado, cada tartaruga era marcada com uma identificação única, por outro, os indivíduos eram, na linguagem verbal, identificados por sua espécie, usando os termos “cabeçuda” ou “careta”, gigante ou *dermocheles*, e “de pente” ou “lepi”, as três espécies das quais tive oportunidade de acompanhar ocorrências. Esse aspecto de se referir aos indivíduos por uma categoria mais geral, a de espécie, é comum, sobretudo, para fazer referência aos indivíduos de “gigante”.

No CV em Vitória os monitores de visitas, ao agenciar os “interesses das tartarugas marinhas” apresentavam seus ciclos de vida de animais de hábitos oceânicos; que nadam grandes distâncias; espécies das quais apenas as fêmeas vão até a praia, e somente no período da desova, com áreas específicas de se alimentar e reproduzir.

Também no CV há aspectos que oscilam entre relações de individualização e homogeneização. As tartarugas maiores dessa base são identificadas por nomes, enquanto para identificar as tartarugas menores a categoria mais geral de “filhotes” é usada.

É importante considerar que as tartarugas marinhas que os monitores agenciam são completamente diferentes daquelas que eles mesmos, e os visitantes, têm contato no CV. A diferença não se refere necessariamente às espécies, mas diferenças na ontologia do ser, já que as tartarugas dos tanques são seres que vivem em cativeiro e possuem com hábito e condições

de vida radicalmente diferentes daqueles apresentados por agentes humanos ou não humanos ao longo da visita.

As bases do Tamar ficam em áreas de alimentação, reprodução ou descanso, e se a atividade do Tamar se volta à espécie em extinção, a manutenção ou aumento das populações são um aspecto importante, e a abordagem do Tamar em bases de pesquisa é bastante em função dos ciclos das tartarugas marinhas. Entretanto, as tartarugas marinhas dos tanques na Base Vitória são animais com ciclos de vida que não são os mesmos dos animais da Base Regência, e seus hábitos são determinados pelas atividades do CV.

Por fim, talvez a diferença mais significativa na relação com as tartarugas em uma abordagem comparativa, é que o contato com as tartarugas marinhas na Base Regência tende a uma relação sacralizada do animal- como confirma a tese de Jaqueline Rodrigues 2004- e que busca uma constante individualização dos espécimes; enquanto o contato dos agentes do Tamar monitores de visita no CV Vitória tende a apresentar aos visitantes uma perspectiva objetificada das tartarugas no espaço do Centro de Visitantes.

Outrossim, registra-se que as variantes das perspectivas do Tamar sobre si, apresentam limitações significativas daquela inventada por mim, e atravessam agentes e suas atividades, e abordam questões que seguem para além do exigência de trabalho do vínculo empregatício, mas da própria invenção das tartarugas por parte desses agentes.

Referências

INGOLD, Tim. **Humanidade e animalidade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 39-53, jun. 1999.

INOUE, Cristina Y. A. **Regime Global de Biodiversidade e O Caso Mamirauá**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2007.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1995.

LATOUR, B.; SCHWARTZ, C.; CHARVOLIN, F. Crises dos meios ambientes: desafios às ciências humanas. In: ARAÚJO, H. R. **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

RODRIGUES, J. *Tartarugas Marinhas e sua Proteção: Encontros e Desencontros entre a População de Regência e o Projeto Tamar*. Dissertação De Mestrado. Pós-Graduação em Políticas Sociais. UENF, 2004.

Site do Projeto Tamar: www.tamar.org.br/

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios* (organização de Eduardo Viana Vargas e tradução de Paulo Neves). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.